

A “interiorização” como base da exteriorização, da inautenticidade e da historização do homem moderno

Maria Cristina dos Santos de Souza*

Resumo:

Partindo do estudo da 2ª e 3ª considerações extemporâneas de Nietzsche, *Da utilidade e da desvantagem da história para a vida* e *Schopenhauer educador*, o presente artigo tem como objetivo demonstrar que a implicação entre o moderno sentido histórico e os processos de interiorização e de exteriorização humanas promoveu o advento da humanidade moderna.

Palavras-chave: interioridade; exterioridade; modernidade.

Como expõe Nietzsche em *Schopenhauer educador*, o devir da natureza tem como alvo o homem, e não qualquer um, mas o grande homem, o único que pode revestir a vida não apenas de valor, mas de um sentido capaz de justificá-la. O que significa isso?

Não obstante visar os exemplares superiores de uma espécie, a natureza gera, em regra, uma infinidade de indivíduos sem relevo e apenas raramente realiza seu intento. Com as espécies vegetais podemos perceber sem dificuldade essa inadimplência da natureza. Cada planta, com suas raízes, seu caule, seus galhos, sua seiva se esforça em conjunto, em uma unidade misteriosa, para promover a flor, o fruto mais doce, mais belo, que concentre as propriedades de toda a planta a um nível mais puro e pleno. No entanto, quantos frutos e flores são desperdiçados, nascem mirrados, caem do galho pela força de um vento mais forte ou apodrecem extemporaneamente? A natureza alcança seus fins, ele acaba por chegar às flores mais belas e aos frutos mais doces, porém, a custo de uma prodigalidade excessiva e desarranjada. Entre centenas de ensaios e erros, os acertos dolorosamente almejados, pairam como meras obras do acaso. Pode-se dizer que a natureza visa seres superiores, mas desperdiça uma série infinita de tentativas e esgota tanto quanto possível suas forças, o que resulta numa enorme escala de produção, na verdade e em grande parte, de seres estiolados.

Assim, ela sofre por sua própria inépcia em criar os meios para ultrapassar sua condição de eterno querente, por sua cegueira ao mirar o alvo que, contudo, ela aspira

* Profa Dra da UEMA

eterna, profunda e infinitamente e para o qual, de modo absolutamente inadimplente e com enorme dispêndio de energia, ela tende. Ela é sábia na escolha dos fins, mas não na escolha dos meios. Todas as espécies trazem consigo esse contra-senso natural. Nietzsche nos esclarece:

Como é raro que ela produza em geral um efeito! [...] seus meios parecem ser apenas ensaios, incidência ocasionais, tanto que ela falha deliberadamente uma infinidade de vezes... [...] O comportamento da natureza tem aparência de desperdício, não um desperdício de uma exuberância criminosa, mas o da inexperiência. (NIETZSCHE, F. CE 3, pp. 404-405)

Entretanto, isto não anula o fato de ela buscar sempre com o mesmo ânimo se apaziguar em uma forma de existência ativa e criadora, espécie de criatura inventiva capaz de realizações pela via do sentido, da inteligibilidade, que, ao mesmo tempo, venha a lhe possibilitar engendrar um mundo onde a significação, a verdade, a unidade e a beleza se tornem os atributos necessários, e não ocasionais, do que existe.

Destarte, todas as espécies, seja vegetal ou animal, estão imbuídas pela natureza da necessidade da produção de indivíduos superiores que justifiquem a vida pela completude e pela beleza. Todavia, mesmo os exemplares superiores de uma espécie trazem em si a marca de uma falta constitutiva relativamente aos fins mais altos da natureza, à medida que eles são privados de características ainda mais elevadas que os fariam bem mais capazes de realizar plenamente a finalidade de um ser criado pela natureza. Dessa forma, ainda que a natureza engendre seres belos e perfeitos, em vista dos graus de beleza e perfeição ainda superiores, ela dá saltos significativos mirando seus próprios fins. Isto quer dizer que ela acabou por ser bem sucedida, pelo menos ao criar espécies sempre mais capazes do que as anteriores, por sua constituição, de auxiliá-la no alcance dos seus desígnios. Nietzsche confirma: “É, sobretudo, fácil compreender que lá onde uma espécie chega, em seu limite e em seu desenvolvimento, a uma espécie superior, repousa o fim de seu desenvolvimento...” (CE 3, p. 384) O que pode ser evidenciado pelo fato de a espécie humana existir, única possuidora de cultura, sem a qual a natureza nunca poderia atingir seus alvos.

Com o homem, a natureza dá o primeiro passo no sentido de justificar metafisicamente a existência, pois deixa de se esvair em seu próprio fluxo e sofrer com seu inacabamento e toma consciência do absurdo e do horror que transpassa sua condição, sem que seu ânimo seja envolvido pelo absurdo e pelo horror, mas, ao

A “interiorização” como base da exteriorização, da inautenticidade e da historização do homem moderno

contrário, expresse o puro e pleno sentimento da libertação de si. A natureza deixa de se esvaír por completo em seu próprio devir e padecer as infinitas oscilações de ânimo que transpassam a vida universal e se duplica em conhecimento, passando da pura passividade, ou seja, deixando de se diluir, sem consciência, no sofrimento dos seus infundáveis seres, para tomá-los para si, com serenidade e ponderação, no afastamento e no recolhimento proporcionado pelo conhecimento. Entretanto, deter as rédeas da própria vida não significa ter pleno conhecimento do caminho que se escolheu e prever ou determinar o futuro.

Poderíamos dizer que o homem é um animal. No entanto, sua condição, ao contrário daquela dos demais animais, é marcada pela consciência. Por mais que o homem tente, ele não consegue simplesmente viver a vida sem senti-la ou pensá-la. Isso significa que ele é um animal de tipo especial.

Em *Da utilidade e da desvantagem da história para a vida*, Nietzsche chega mesmo a afirmar que, diferente dos animais, o homem não esquece. O homem não consegue esquecer e por isso carrega consigo o sentimento relativo às vivências passadas, boas ou más. A carga de melancolia, de nostalgia, de ressentimento, de revolta, de dor, concernentes ao vivido, integram tanto suas experiências presentes como suas expectativas e suas aspirações, de modo que o porvir não pode também ser gozado plenamente por ele. Por isso tudo, o animal suscita no homem inveja, pois permanece sempre ligado ao instante e passa com a corrente do tempo ao invés, de, como o homem, assistir o tempo passar por ele. Uma das características essenciais da animalidade é a cegueira quanto ao sentido da vida. Ao contrário, a humanidade sofre por ver se constituir ao lado de sua existência o sentido dela. É justamente essa obscuridade, na qual está mergulhada a vida animal, que sugere ao homem uma completa felicidade.

O homem não esquece; isto quer dizer que ele é um animal histórico, enquanto os demais animais são a-históricos (*unhistorischen*). O animal está inteiramente integrado ao momento e ao espaço em que vive, ou seja, à comida que consome, ao ar que respira, ao pasto em que pisa, ao meio que o rodeia, à abundância ou à escassez de condições de subsistência, sem pensar no ontem ou no amanhã. Abandona-se um ambiente hostil a sua sobrevivência em busca de outro mais rico em subsídios é por uma carência, experimentada como necessidade imediata. O sentido constituído pelo transcorrer de sua vida ele nem ao menos suspeita. Mas é justamente esse contentamento com o que a vida oferece sem dela exigir nada de mais, que faz dele,

segundo o ponto de vista do homem, um ser absolutamente feliz. Se com os seres a-históricos a natureza encontrara a felicidade, o que visava ela ao criar um ser histórico, o homem? Com certeza, a natureza não tem como fim supremo constituir seres felizes. Ela precisa fundamentalmente do sentido com o qual o homem pode revesti-la. No entanto, ele apenas pode chegar a compreender a natureza em sua unidade a partir do devir de sua própria existência singular. Nesta via, ao invés de se deixar conduzir pelo momento e se contentar com o que este lhe oferece, ele precisa colher no instante o sentido da totalidade do tempo. Com o passado próprio que lhe acompanha e a partir do futuro que, de algum modo, pode prever, ele pode entrever o sentido do tempo, no tempo que é sempre o seu.

Entretanto, o processo da vida se apresenta imediatamente ao homem, sobretudo, em sua absoluta falta de sentido. Esta experiência que atualiza, em um único instante, a totalidade do vivido, tem um sentido trágico para o homem e afasta definitivamente qualquer esperança de felicidade duradoura. O homem constata que a felicidade é um quinhão daquele que é meramente e singelamente animal e a verdade a constatação da ausência de sentido e de valor da vida em geral. Todavia Nietzsche vaticina: “Quem, porém, encontra em tudo a não-verdade e se associa voluntariamente à infelicidade, prepara talvez um outro milagre da desilusão” (CE 2, p. 363). O que Nietzsche pretende dizer com estas palavras?

A espécie humana não é como as demais espécies animais. Dito de outra forma, a felicidade dele é inacessível à humanidade. Mesmo que o homem tente assumir de todas as formas a cegueira animal frente à vida, ele não deixa de, vez por outra, entrever a falta de sentido da existência e sofrer por isto. No entanto, isto não quer dizer que ele não precise encontrar a dosagem própria da sua animalidade, que significa trabalhar em vista de um fim supremo, a significação metafísica da existência. Assim, a consciência não é a única característica da humanidade. Aliás, ela é apenas a desencadeadora da atividade mais ampla e propriamente humana. Pois, a racionalidade humana, promotora do conhecimento, é subsidiária de uma capacidade mais fundamental herdada da natureza, a aptidão artística. A humanidade representa para a natureza a promessa de ela poder se apropriar com arte e técnica de seu próprio querer e mirar objetivamente os alvos de sua criação tão vigorosamente aspirados. Nela reside, então, a esperança da fusão da vontade à racionalidade na criação de mundos. Com esse intuito, ela lhe reservou uma tarefa inalienável: a de transformar o impulso cego do devir, capaz de sucessos apenas ocasionais, em capacidade objetiva e artística. Pois, para a natureza, o

A “interiorização” como base da exteriorização, da inautenticidade e da historização do homem moderno

homem é o meio mais econômico e eficaz para criação de seres vivos ainda superiores capazes de expressá-la em uma imagem magnificente, cuja contemplação a conduziria à plena auto-satisfação sob a forma de um puro gozo estético. Habitualmente, todavia, a humanidade se conduz como a natureza sempre se dirigiu, cegamente, com inépcia e excessivo dispêndio de energia. Como se ela, depois de ter conseguido criar o homem para atingir seus fins supremos, conspirasse contra si mesma, ou seja, após ter se esforçado até o homem se resignasse em se estagnar no chamado “animal racional”.

Ora, o homem moderno faz questão de se definir como “animal racional” e defende os bens que a razão humana é capaz de confeccionar como suas últimas e mais elevadas aquisições. Isso justificaria sua acomodação e seu apego a estes bens racionais como o ponto de chegada da própria evolução natural. Otimizamos o momento para não pensarmos no tempo. Atirados em todas as direções ratificamos, em verdade, nossa condição de uma peça a mais no jogo do destino que transcorre à margem de nós. Nesta via, o grande perigo que ronda o homem atualmente decorre justamente de seu afastamento progressivo do cerne da humanidade, que ele poderia encontrar unicamente a partir de si mesmo. Sujeitos à variação das necessidades e dos desejos, se alegrando, se atormentando, comprometidos com uma série ilimitada de trabalhos, de responsabilidades, acumulando funções, se diluindo em uma rede gigante de ligações, o homem moderno não é homem nem animal. Todavia, vivendo sem reflexão, tendo nas necessidades mais imediatas o centro de sua relação com o mundo e se deixando determinar pelas vicissitudes momentâneas, ele busca igualar-se aos animais em geral.

Inegavelmente, o homem é animal, entretanto, não devemos deixar de considerar que ele é um tipo muito peculiar de animal. Isto quer dizer que sua humanidade é intransponível. O que o homem deve aprender com os outros animais é a capacidade de deixar fluir sua humanidade como estes deixam fluir espontaneamente e simplesmente o caráter de sua animalidade. Se para viver plenamente o presente os animais em geral não necessitam pensar o sentido deste, para o homem, ao contrário, isto é vital. Refletir sobre o sentido da atualidade é distinguir os fins visados pela natureza ao constituir o momento único que estamos vivendo, o qual sem essa reflexão se apresenta como atmosfera nebulosa e confusa. Pois, somente através do discernimento dos alvos da existência poderemos compreender nossa tarefa no âmbito total do devir. A compreensão da tarefa própria e, mais do que isso, o engajamento na existência através dela como forma de contribuição com as metas de nossa natureza, são marcas

genuinamente humanas segundo as quais todo homem deve se orientar. Pois, como diz Nietzsche,

Se, ao contrário, as doutrinas do devir soberano, da fluidez de todos os conceitos, tipos e gêneros, da falta de toda diferença cardinal entre homem e animal – doutrinas que considero verdadeiras, mas letais – pela habitual mania por instrução, sejam jogadas no povo durante uma geração, então ninguém deve se espantar se o povo mergulhar no egoisticamente pequeno e miserável, na burocratização e na ganância, para ser, sobretudo, a saber, povo despedaçado e esgotado. (CE 2, p. 319)

Se o homem passar a viver segundo os ditames da necessidade, à mercê de seus interesses mais imediatos e contingentes, é o projeto de humanidade, que cada homem traz em si, que ele compromete. Pode-se mesmo dizer que com este tipo de homem a humanidade efetivamente corre risco.

Entretanto, o homem deve guardar de sua animalidade uma capacidade fundamental, segundo a qual todos os animais vivem espontaneamente, qual seja, a capacidade de esquecer. Pois, sem esquecimento o homem não consegue se dispor à atividade essencialmente humana, a criação artística, visto que essa exige dele um saber-fazer que requer o contingenciamento de tudo que não intensifique este saber-fazer. Se a atividade artística em questão é aquela própria dos grandes homens, ou seja, a que tem como fim infundir sentido e dar estilo à vida em geral a partir da própria vida, é necessário que estes homens usem do conhecimento acumulado apenas o suficiente para atingir este fim. Se o homem carregar em si mesmo, sob a forma de uma memória excessiva, profunda e infinita, tudo de horrível e de absurdo e, o seu contrário, tudo de mais venturoso, experimentado por ele e por outros homens, acabará por intensificar e aprofundar os sentimentos a tal ponto que toda sua ação se estagnarão em puro padecimento da vida. Por isso Nietzsche pondera: “... é possível viver quase sem lembrança, sim, e viver feliz assim, como mostra o animal, mas é absolutamente impossível viver, em geral, sem esquecimento” (CE 2, p. 250).

No caso do homem, esquecer para viver significa não se fechar, pelo peso do passado, ao sentido da atualidade. Em outros termos, significa extrair do já vivido apenas o que seja útil à potencialização do presente. Se o homem não consegue esquecer, o passado, o que já se subtraiu ao devir, é tomado como um valor em si. Assim, tudo o que é antigo, independente de sua altura, seu valor, seu significado se torna referência para a vida. Nesta disposição Nietzsche identifica o excesso de um tipo específico de historização da vida que ele nomeia história antiquária. Ao contrário, o

A “interiorização” como base da exteriorização, da inautenticidade e da historização do homem moderno

sentido de uma história antiquária, exercida com medida, toma como herança o que pode nos ensinar a sermos melhores no presente. Nesse caso, há uma seletividade apenas do que pode potencializar as energias e sugerir as vias da elevação de nossas condições atuais. Ora, em outro caso, o homem busca no passado todo indício de completude, de grandeza, de glória, com a certeza de que o tempo presente é incapaz de engendrar obras e feitos comparáveis aos que foram realizados por seus antepassados. Nesta segunda disposição Nietzsche reconhece a desmesura de outro gênero histórico, a história monumental. Nesse caso, o passado é utilizado para diminuir e enfraquecer o presente. Nada que possa ser considerado grande atualmente pode se medir com a grandeza dos antepassados. Ora, tanto em um caso com no outro, o homem não está voltado para o passado segundo o critério do mais apropriado à intensificação da vida, que tem sempre no que ora germina e no que está por vir o passo oportuno na direção do ideal de perfeição da natureza, e no passado um parâmetro, que, no entanto, deve ser ativamente ultrapassado.

Essas duas desmedidas históricas referidas por Nietzsche são possíveis, pois, segundo ele, “continua-se escrevendo a história segundo o ponto de vista das massas, para procurar nela aquelas leis que são deduzidas das suas necessidades, portanto, as leis do movimento dos estratos mais baixos de barro e de argila da sociedade” (CE 2, pp. 319-320). Isso quer dizer que há um resgate desequilibrado e equívoco do passado pelo fato de a modernidade ter uma relação igualmente desequilibrada e equívoca com o presente. Ela não sabe lidar com o próprio caos, cujos elementos formam justamente o que pode ser denominado, sem titubeio, herança ocidental. Essa herança permanece insondável para os modernos, ou seja, permanece como sua mais íntima estranheza. Assim, ao invés de organizá-la, fazendo-a ganhar sentido segundo às peculiaridades de sua natureza, prefere-se dispô-la a serviço das prerrogativas da maioria. O homem médio passa a ser o critério da retomada e da organização do passado, à medida que o presente mesmo é vivido como tempo de hegemonia da massa.

O que se constata é que o homem moderno pode assim ser chamado por estar absolutamente desligado da sua própria modernidade. Ele não quer saber dela, e, portanto, do que o torna homem de seu tempo. A própria relação que ele tem com a escrita e com a fala, potências essencialmente humanas que lhe permitiriam construir seu lugar no mundo e no devir da humanidade, manifesta espontaneamente o seu desatino. É um homem que não aprendeu, pelo uso da escrita e da fala, na verdade, potências ativadoras do pensamento e criação da vida, a resgatar do passado o útil ao

presente e, portanto, não pode compreender o próprio tempo em toda sua plenitude. O discurso jornalístico, hodierno, descritivo e apelativo, que se torna majoritariamente a lente através da qual se vê refletida a modernidade, denuncia o quanto os modernos caminham como semimortos. A linguagem humana em geral transformou-se em um balbúcio ininterrupto e sem objeto. Mesmo que não tenham nada de significativo a dizer, os homens versam sobre tudo e falam desenfreadamente. No fundo, fala-se muito para não se deixar margem ao silêncio, pois nas situações em que o ritmo frenético de nossa vida desacelera e buscamos o descanso, ao mesmo tempo ficamos inquietos e apreensivos pelos pressentimentos que começam a solapar nosso repouso. Isso que não queremos ouvir, pois colocaria em risco a comodidade da condução de nossa vida pelo instinto de massa, é a invocação de nossa peculiaridade, de nossa honestidade e de nossa simplicidade. Nós nos arrancamos ofegantes destes raros momentos de despojamento, ora nos engajando na artilosa tarefa de convencer o outro a se render com convicção às expectativas do rebanho, ora nos deixando convencer sem resistência pelo outro. Em uma e em outra situação, reduzindo o discurso a sua função retórica, queremos nos deixar contagiar pela paixão alheia e nos entregar espontaneamente às vantagens da vida gregária.

Ora, o homem moderno compreende seu destino a partir de dois parâmetros básicos, o do entretenimento e o da obrigação, experimentados como estados de prazer e de dor, respectivamente. Ele pressente a interpelação que brota do seu interior, mas é conduzido a pensar e escolher segundo um padrão determinado, baseando-se em princípios e normas gerais que são sempre estabelecidos por outros. Obedece a elas cegamente da mesma forma como um escravo age em relação a seu senhor. Assim, ele se convence que é necessário realizar certas coisas pela única razão de ele pertencer a um lugar, a um tempo e estar sob condições determinadas. Quando não está sob o peso da obrigação, do que deve ser feito, ele se deleita com suas aquisições e usufrui a vida, pois entende, como todo mundo, que cada homem tem necessidades e desejos com os quais nasceu, e satisfazê-los, quando é permitido, é saber aproveitar as oportunidades que a fortuna oferece para a conquista do bem-estar. Sob o império destes condicionamentos, ambos exteriores - mesmo no caso em que pese o sentimento íntimo do dever - porquanto estranhos à singularidade da experiência e do caráter genuinamente humanos, é sua liberdade, quinhão unicamente humano, que o indivíduo aliena.

A “interiorização” como base da exteriorização, da inautenticidade e da historização do homem moderno

Os modernos evitam, ao máximo, experimentar a fluidez e a inconstância do mundo que os cerca, pois, esta vivência colocaria em jogo a falta de consistência de sua própria existência. Na verdade, evitam admitir que a completude paira sobre o devir ainda somente como um ideal e que tudo que está aí resultou de mais um ensaio mal sucedido da natureza e demonstra, então, sua total inadimplência ao visar o ideal. Quando perguntam sobre a utilidade das coisas ou as paramenta para torná-las agradáveis aos seus sentidos, ou, ainda, torná-las objeto de seu entretenimento, visam acima de tudo acobertar a sua própria vacuidade. Como se fosse possível encontrar o sentido e o valor que lhes falta, em sua aplicação, *a posteriori*, e o sentido e o valor de sua vida no melhor aproveitamento e no gozo de um mundo consumado.

A educação moderna passa a ser o instrumento de formação de um tipo de homem que apenas deve usufruir um mundo a ele oferecido, último dos mundos. Estranhamente, seu papel passa a ser o de estimular o sacrifício do homem a um instinto não humano. Não humano significa deslocado do devir da humanidade, que perdeu seu espírito por não se dispor como agente do devir, mas por se deixar arrastar pela vida que nele se processa e o ultrapassa. Tem-se, então, o homem moderno como um ser “absolutamente exterior sem núcleo, vestimenta gasta, tingida, exagerada, um espectro ornamentado que não pode suscitar medo e, certamente, nem compaixão” (CE 3, p. 338), ou seja, indolor e insensível à questão do que é urgente hoje para o homem.

Há, por conta disso, um processo geral de exteriorização da humanidade. De modo que a relação dos homens entre si e com a natureza se firma principalmente sobre o parâmetro da utilidade, do consumo, dos artificialismos infinitos. Os homens passam a totalidade de sua existência se fiando no que a vida oferece ou exige, tentando achar no movimento ininterrupto do devir, coisas que lhes inspirem a confiança que poderão escapar por um momento que seja à corrente hegemônica do vir-a-ser: se apegam a isto ou aquilo, amam, odeiam, brigam por suas opiniões e querem adquirir e acumular coisas que ostentem ou propiciem plenitude e beleza como o poder e a riqueza. Enfim, tentam encobrir de todo modo o vazio de ser que pressentem brotar do fundo de si mesmos, preferindo usufruir da gama de possibilidades que criam para nossa constante e infundável distração.

Este movimento da massa revela seu duplo: o individualismo. A vontade de cada homem está, no fundo, voltada apenas para a produção e a aquisição de bens para o bem-estar e a preservação pessoal. O homem moderno, especialmente, ao se orientar apenas pela vontade individual, coloca todas as suas energias a disposição do que lhe

permita permanecer, do que artificialmente lhe prometa conservar-se, usufruir daquilo que já foi realizado, como se essa época e sua humanidade fossem o cume do movimento da vida. Ele se ampara em definições, ideais, em toda forma de movimento capaz de se endereçar a massa, para estagnar todo o seu ser em uma fórmula, uma atividade, uma causa, com a esperança que a força do maior número detenha a roda do devir. No entanto, da própria vida de rebanho brota um pressentimento difuso e amargo. Desesperado, o homem se deixa arrastar anestesiado, e mais encarniçadamente do que antes, pelo sucedâneo de crenças, questões e litígios que mobilizam a massa, com a esperança de não deixar espaço à emergência da consciência dolorosa sobre a equivalência de todas as coisas à nada. Da tradição, por exemplo, recolhe somente o que denuncia a preparação para o momento da vida humana atual compromissada em multiplicar, com o auxílio da ciência, os meios de entretenimento para que não pensemos no que nos ronda como um espectro: a verdade sobre a nossa condição: de onde viemos, para onde vamos e a razão de estarmos aqui.

Para qualquer um, o compromisso consigo mesmo é sempre difícil e tortuoso. Impulsiva e imediatamente preferimos ora uma atividade frenética, ora o torpor e a letargia, na verdade meios de fuga frente à ameaça da consciência sobre nossa condição miserável. No fundo, tentamos conter, na realidade, a dor e a melancolia ontológicas, o sentimento profundo e verdadeiro relativo à contingência não somente da nossa existência mas daquela de todos os seres. Se uma coisa ou pessoa deixa transparecer a ausência de ser que a tudo acomete, afastamo-nos dela apreensivos. Nietzsche nos adverte que justamente quando tentamos com mais afinco e aparentemente com mais recursos nos esquivarmos ao devir é que estamos mais mergulhados nele. De repente, ficamos inertes e sentimos um amargor difuso pelo processo da vida que nunca chega a uma completude.

Ao mesmo tempo, em raros, mas nem por isso raso momento pressentiu que cada um de nós corresponde a uma unidade absolutamente singular. No entanto, a maioria dos homens prefere alijar este pressentimento e se entregar às diretrizes da vida amorfa e indiferenciada de rebanho. Por quê? Por medo? Nietzsche responde: não, por preguiça. O medo de assunção da singularidade é, antes de tudo, apreensão pelos desgastes e pelos incômodos que isto acarretaria.

O homem moderno, por comodidade e conveniência, tenta, de todo modo, abafar em si mesmo a potência que rege e conforma, não somente o destino da humanidade, mas o de todas as coisas. Ele se prende sempre ao já dado, ao já configurado, e para

A “interiorização” como base da exteriorização, da inautenticidade e da historização do homem moderno

encobrir a degeneração das coisas, em torno das quais ergue sua vida, busca guarnecê-las, adorná-las, acrescentar-lhes todo tipo de superficialidades. Decorre daí a enormidade de conceitos, de noções, de valores, de costumes, objetos utilitários e artísticos, com os quais ele recobre o mundo a fim de abafar todo natural. O homem “atual” se dispõe em relação ao mundo exclusivamente em função do mais tangível e do útil: das coisas que o cercam ele apenas quer saber a sua serventia. Buscamos conhecer as coisas para podermos melhor descobrir para que servem, e se nos deparamos com sua falta de utilidade, imediatamente buscamos convertê-las em objetos úteis ou de entretenimento através de nossa capacidade racional e técnica. Como se o devir se justificasse pelo que as coisas são e por sua serventia.

Para Nietzsche, a educação moderna atua pulverizando todas as singularidades humanas, não somente diluindo suas forças, mas também lhes retirando o centro que as amarra e lhes dá sentido. Ao invés de permitir que o elo homem/mundo se realize a partir do núcleo original, do querer-viver singular de cada homem, a partir do exercício da liberdade frente às exigências da vida cotidiana e contingente, promove a ligação humana com a existência a partir do mundo já dado, já configurado, já morto, destituído de vontade. Assim, nas instituições atuais de ensino o objetivo principal é estimular nos jovens simultaneamente o egoísmo, o individualismo, juntamente com o sentimento de pertencimento à massa, o sentimento de rebanho. Todos são incentivados a escolher uma profissão com a qual possam adquirir poder, status, dinheiro, segurança, enfim, tudo que promova sua conservação, seu bem-estar geral e, mais do que isto, seu reconhecimento e aclamação pelos demais. Devem reconhecer a supremacia de valores, regras e entidades responsáveis por assegurar a ordem geral, responsável por fixar e limitar o domínio de exercício e de ascensão de cada um. Conforme comenta Rosa Dias,

Segundo Nietzsche, a educação que os jovens alemães recebem nas instituições de ensino funda-se numa concepção de cultura histórica que, ao privilegiar os acontecimentos e as personagens do passado, retira do presente sua efetividade e desenraíza o futuro. Uma história, um pensamento que não servem para engendrar vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana (DIAS, R. M. *Nietzsche Educador*, p.60).

Todos os recursos constituídos para distração ou esgotamento de nossos sentidos têm como fim impedir a mobilização do pensamento sobre nós mesmos, como se o fato de percebermos as coisas de certa maneira, nos impedisse de refletir sobre nossa

condição. Nos homens fracos em que a preguiça vence, esses obstáculos efetivamente dissuadem a voz imperativa da consciência de si. A hegemonia dos objetivos insignificantes e imediatos representa, na verdade, uma forma de despendar, dispersar, diluir as potências da natureza, a qual acaba por chegar a seus fins muito mais dificilmente e raramente. Esclarecendo tal questão, Jorge Larrosa diz que esse tipo humano é

Prisioneiro do ponto de vista único que domina e que o domina, escravo dos caminhos trilhados que conhece a dedo mas que impõem a ele o seu percurso. Porque dominar uma ciência é estar dominado por ela: viver sob seu abrigo seguro, mas demasiado estreito e escasso; olhar com suas garras de eficácia comprovada, mas limitadas e sempre imóveis; avançar lenta e pesadamente com seu passo firme e seus métodos carentes de dificuldade, até objetivos modestos e previstos de antemão; mas por caminhos que não permitem sair de seu traçado, nem aspirar a metas incertas e ainda desconhecidas (LARROSA, J. *Nietzsche e a Educação*, p. 36).

Ora, cada homem representa um caminho original, no entanto, os múltiplos caminhos se entrecruzam infinita e continuamente formando um emaranhado que um homem particular não pode abarcar. A singularidade de uma vida humana é, na verdade, um modo de abertura único para a existência universal que flui incessantemente. É o que leva Nietzsche a afirmar: “Há no mundo um único caminho, o qual ninguém, exceto tu, pode trilhar. Onde ele conduz? Não pergunte nada, trilhe-o” (NIETZSCHE, F. CE 3, p.340). Esse caminho é o da simplicidade e da honestidade consigo mesmo. É, na verdade, um compromisso moral com o homem mais próximo e íntimo de nós: nós mesmos. E por que o caminho da interiorização de cada homem singular é importante para a vida universal? Cada um de nós somente pode abordar a vida universal a partir de si mesmo, segundo Nietzsche afirma: “decifra unicamente a tua vida e tu compreenderás os hieróglifos da vida universal” (CE 3, p.357).

A decifração da própria existência requer, com certeza, um processo de interiorização. No entanto, esta interiorização, suposta por Nietzsche, constitui um processo, cujo sentido podemos compreender melhor com o auxílio das reflexões desenvolvidas, igualmente, em *Da utilidade e da desvantagem da história para a vida*. Ao se referir ao homem e, em alguns momentos, especificamente, ao alemão moderno, Nietzsche enfatiza o quanto a formação do tipo moderno, que tem no caráter histórico

A “interiorização” como base da exteriorização, da inautenticidade e da historização do homem moderno

seu traço fundamental, está comprometida com uma notável fragmentação da humanidade.

A consideração do sentido histórico como aquele que orienta e elucida o devir da humanidade faz com que o homem moderno conceba sua modernidade, ou seja, tudo que compõe o que pode ser denominado seu presente, absolutamente sem referência a si mesmo. Para entendermos esse processo é necessário se inteirar de outro, a sua condição: a perda pelo homem de sua unidade ao se cindir indolentemente entre interior e exterior. O que significa isso?

O homem moderno por excelência despreza tudo que possa ser classificado como novo, em nome das realizações passadas, pois ele acredita que as relevantes e monumentais obras da cultura já foram erguidas, restando ao presente apenas a contemplação, a tutela e o consumo, sob certas condições exigidas, do legado da humanidade. O desprezo pelo absolutamente novo decorre da idéia de que o homem de hoje não pode competir em altura e grandeza com o homem da tradição. Assim, tudo o que é natural e espontâneo, que brota da interioridade, deixa propositalmente de ser trabalhado, e é sistematicamente rechaçado com energia para a profundidade. Os homens devem aprender, sobretudo, a disfarçar por todos os meios as exigências mais autênticas de sua natureza. O mais desastroso acontece: o que há de natureza, hoje, efetivamente não acede ao âmbito cultural e faz do homem moderno um ser genuinamente bárbaro, desprovido de estilo.

Tudo do qual se suspeita ser verdadeiramente da esfera interior é violentamente e sistematicamente rechaçado a ponto de se tornar inacessível ao homem. No lugar da autêntica interioridade é colocado um amontoado de conceitos como eu, sujeito, subjetividade, ego, identidade, princípios morais como virtudes ou juízos de valor, todos construídos a partir da acumulação desordenada da tradição. Todo esse esforço para não permitir que a natureza dite as regras da exterioridade. Hoje, exige-se, então, uma interiorização sem exteriorização, um interior sem exterior. Como diz Nietzsche: “O indivíduo retraiu-se na interioridade, fora não se nota mais nada dele, o que nos dá o direito de perguntar se existem causas sem efeito!” (CE 2, p. 281). A consideração do que é útil para fomentar e elevar a vida não atua como **critério** de recolhimento do que pode ser considerado como a herança da cultura, ou seja, como critério de determinação da participação do legado na criação de nossa visão de mundo. Todavia, tal como Nietzsche destaca,

O indivíduo torna-se covarde e inseguro, não podendo mais acreditar em si mesmo: ele afunda em si mesmo, no seu interior, que aqui significa apenas: trapalhada amontoada do aprendido, o qual não produz efeito externamente, a instrução não se torna vida. (CE 2, p. 280)

E ainda, referindo-se aos alemães como os que trazem sua humanidade absolutamente selvagem e insuspeitável, desprovida de qualquer veio cultural, Nietzsche diz: “Se devem ter caráter e um modo de ser próprio, tudo isto está tão profundamente escondido que não se pode absolutamente arrebatá-lo à luz do dia: se é que eles são homens, eles só o são realmente para aquele que “examina as entranhas” (CE 2, p. 283). Nesse sentido, podemos então perguntar: o que se apresenta, então, ao exterior? Para entendermos o que o homem de hoje se manifesta como sua cultura específica é oportuno continuar a levar em conta as considerações de Nietzsche sobre a tipologia do alemão moderno.

Nietzsche afirma que o alemão é conhecido como povo da interioridade. Talvez ele concordasse que esse perfil germânico formou-se, ao mesmo tempo, do que um movimento geral na Alemanha, iniciado aproximadamente ao final do séc. XVIII, em prol de tudo que pudesse ser definido como naturalmente “alemão”. Doravante, tal povo buscou de todas as formas se livrar dos maneirismos e convenções francesas, ao mesmo tempo em que alijava a ameaça do domínio político francês e pensava no estabelecimento da unificação estatal. Entretanto, sua natureza, abandonada a si mesma, permaneceu em estado bruto, ou seja, sem expressão no domínio da cultura. A autêntica espontaneidade, simplicidade e força de caráter que deveriam conquistar definitivamente a expressão, tornaram-se inacessível aos alemães, em outros termos, encontravam-se caóticas e recônditas no âmago deles mesmos. Em nome de sua naturalidade e de sua honestidade, das quais não poderiam fruir nem o vigor nem o sentido, adquiriram um modo de ser pragmático, arbitrário e preguiçoso pela via do qual passaram a reproduzir, então, já não assumidamente e, sim, de modo negligente e afetado, as disposições que o francês assumia com desenvoltura. Nietzsche afirma:

Façamos um passeio por uma cidade alemã – toda convenção, comparada com a peculiaridade nacional de cidades estrangeiras mostra-se aqui negativa, tudo é incolor, gasto, mal copiado, desleixado, cada um vaga a sua vontade, todavia, não segundo uma vontade forte, profunda, mas segundo as leis que prescrevem primeiramente a pressa universal e, então, a busca geral pela comodidade (CE 2, p. 275).

Nietzsche se baseia no exemplo alemão, mas, com certeza, o movimento de cisão do homem em interioridade e exterioridade constitui-se na marca própria do homem moderno, do qual, para Nietzsche, o homem alemão constituía o parâmetro mais oportuno. Para Nietzsche, “O sentido formal é diretamente recusado por eles com ironia – pois já se tem, realmente, *o sentido do conteúdo*: pois eles são o célebre povo da interioridade” (CE 2, p. 276). Escondida, sem unidade e informe, a interioridade não se presta a sustentar uma exterioridade. Em um povo como o alemão, as ações - ou seja, o que é exteriorizado - são todas macaqueadas e sem profundidade, e através delas apenas pode-se chegar à conclusão de que se está diante de uma humanidade fraca, sem coragem de sustentar sua atividade no mundo sobre a base de seu próprio ser, o qual, sem vir à luz, está a ponto de efetivamente se extinguir. Ao afirmar que o sentido formal é rejeitado pelos modernos, Nietzsche quer dizer que eles dão pouca ou nenhuma importância ao estilo, à beleza, à pureza e à justa medida dos gestos e das palavras. Por outro lado, Nietzsche pondera que eles procedem dessa forma, gabando-se de uma gama de inclinações próprias, ou seja, disposições quase instintivas, primitivas, como constitutivas de sua interioridade, a qual, no entanto, não se dão ao trabalho de cultivar, preferindo, pela conveniência, ao contrário, ajustarem-se às fórmulas importadas, já prontas, quando se trata de agir. Nesse caso, trata-se, sobretudo, dos modernos aculturados.

Por sua vez, segundo Nietzsche, aqueles que se autodenominam os cultos, ao contrário da maioria, formada pelos alemães incultos, dos quais insistem em se diferenciar, tratam de mascarar, disfarçar, maquiagem, o quanto possível, seus autênticos sentimentos e disposições, sua interioridade, com uma série de artificialidades e abstrações, utilizados para tecer o que tacitamente se denomina “cultura moderna”. No lugar de homens, proliferam os atores da cena cultural, sobretudo os intelectuais alemães, competentes em sempre reduzir qualquer experiência genuinamente humana a um puro jogo de representação. Isso se torna possível, primeiramente, pela abstração do caráter natural e, em segundo lugar, pelo cálculo minucioso e pela composição artificial do que deve ser apresentado ao exterior. Por conta disso, proliferam verdades, princípios, valores, obras, e os mais variados tipos humanos, sempre adequados ao que se convencionou estrategicamente como os “produtos da cultura”.

O homem moderno, do qual para Nietzsche o homem alemão pode ser tomado como exemplo o mais ajustado, trabalha avidamente para encobrir e disfarçar a

alienação de si mesmo tentando garantir a credibilidade em suas realizações. A interioridade é convenientemente e estrategicamente pressuposta a fim de se dar mais confiabilidade ao que se apresenta ao exterior. Pois, quem poderia se fiar numa humanidade que lega à posteridade uma cultura afetada, postiça, dissimulada, construída com base na especulação vazia sobre suas necessidades? No entanto, a tentativa de fazer aparecer e valer certos sentimentos e certas ações com características de profundidade e espontaneidade não atenua, mas, ao contrário, agrava a perda do próprio cerne por parte do homem. Na verdade, sentimentos e disposições nobres, dos quais os homens atualmente não têm a mínima experiência, são substituídos por suas supostas dramatizações, ou seja, tornam-se literalmente objeto de encenação, através da qual se busca assumir ares de autenticidade e de naturalidade.

Ao lidar consigo mesmo, com os demais e com o mundo, passou aos poucos a se diluir na pura representação; representa-se tudo e das formas as mais variadas: o profundo amor, a arrebatadora alegria, o terrível ódio, a pesarosa melancolia, a crônica tristeza, o sentimento trágico, enfim, a loucura e a morte. Nossa mais profunda dor, nosso mais casto sentimento, não tem a profundidade e a pureza que, estranhamente, insistimos advogar diante de nós mesmos e dos outros. Sem que percebamos, substituímos à nossa natureza uma sedutora simulação. Nesse sentido, o que distinguimos como nossa intimidade é, na verdade, nossa mais pura quimera. Mesmo que outros estejam ausentes, ainda assim, estamos em cena a imitar o que seria nossa verdadeira solidão. Estamos no bojo do que Nietzsche denomina a má-consciência. Encobrimos e dissimulamos justamente o fato de nos ocultarmos e nos disfarçarmos. Não nos percebemos como obra de uma autêntica mascarada.

Referências Bibliográficas:

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke – Kritische Studienausgabe*. (KSA), G. Colli e M. Montinari (orgs.), München: DTV/De Gruyter, 2ª ed., 1999.